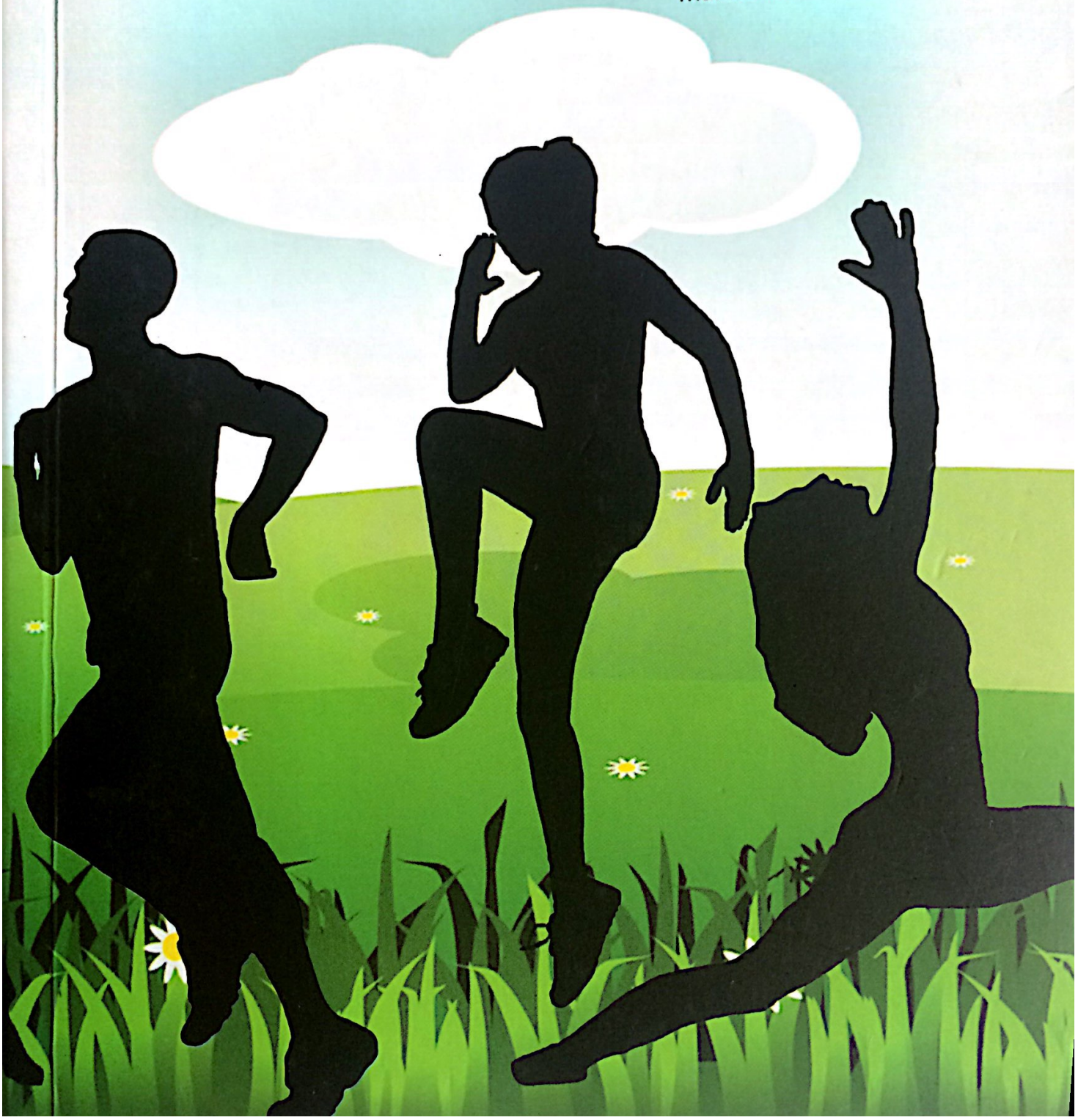
PEDAGOGIA DO ESPORTE

Novas Tendências

ORGANIZADORES
Ricardo Hugo Gonzalez
Márcia Maria Tavares Machado



Scanned by CamScanner

Pedagogia do Esporte: novas tendências

Ricardo Hugo Gonzalez e
Márcia Maria Tavares Machado. (org.)

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida de qualquer forma
ou por qualquer meio sem autorização expressa dos autores

Editor: Márcio A. Silva
Capa: Pedro H. Tavares
Projeto gráfico e Diagramação: Márcio A. Silva
Organizadores: Ricardo Hugo Gonzalez e Márcia Maria Tavares Machado
Revisão: UFCE

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

"Pedagogia do Esporte: novas tendências" /
Organizadores: Ricardo Hugo Gonzalez e Márcia Maria Tavares Machado - Fortaleza-CE: 2017

367 p. il.: 16x23 cm

Vários autores.

Bibliografia

ISBN:

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-69274-11-7

9 788569 274117

Tavares & Tavares Empreendimentos Comerciais Ltda
Av.Vasconcelos Costa, 1181 - B. Osvaldo Rezende - Uberlândia/MG
TEL.: 34 3216-8070 - CEP 38400-452

Impresso no Brasil

Scanned by CamScanner

Capítulo 13

DISPOSIÇÕES PRELIMINARES SOBRE UM MODELO DE PARTICIPAÇÃO COMPETITIVA PARA JOVENS E O PAPEL DO TREINADOR

Lucas Leonardo
Larissa Rafaela Galatti,
Alcides José Scaglia

Introdução

É na competição, cuja natureza primária está associada ao confronto, ao desafio e ao jogo, que subsiste a essência do esporte (CRANE; TEMPLE, 2015), pois é no contexto competitivo que habita um rico ambiente de aprendizagem, cujos valores vivenciados podem se transformar num importante alicerce de desenvolvimento social, moral e ético para além do esporte atingindo habilidades para a vida (DREWE, 1998; FRASER-THOMAS; CÔTÉ, 2009; CÔTÉ; LIDOR; HACKFORT, 2009; GONÇALVES; CARVALHO; LIGHT, 2011; BALBINO et al., 2013; CHOI; JOHNSON; KIM, 2014; CRANE; TEMPLE, 2015).

A percepção que o indivíduo tem das experiências vividas na competição pode influenciar os resultados de sua prática tanto para desenvolvimento positivo, através do estímulo aos valores sociais como empatia, sentimento de justiça, cooperação e competição saudável, como

Scanned by CamScanner

para o desenvolvimento negativo, promovendo, por exemplo, o interesse pela agressão e a despersonalização das relações entre os indivíduos envolvidos na competição (FRASER-THOMAS; CÔTÉ, 2009; CHOI; JOHNSON; KIM, 2014).

O formato competitivo adotado e suas influencias sobre os indivíduos que nele atuam são fatores que podem determinar para qual destes caminhos o jovem poderá seguir (CHOI; JOHNSON; KIM, 2014).

A exagerada institucionalização e os elevados custos das competições de jovens podem influenciar para um potencial desenvolvimento negativo. Como resultado, críticas são orientadas ao esporte de jovens por este se configurar como um ambiente elitizado ainda muito precocemente e que acaba por potencializar a transposição dos valores e vícios do esporte de elite para o contexto competitivo orientado ao jovem (CÔTÉ; HAY, 2002; BAKER, 2003; FRASER-THOMAS; CÔTÉ, 2006; CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007; BAKER; COBLEY; FRASER THOMAS, 2009).

Com base nestes pressupostos, exige-se do jovem atleta uma excessiva dedicação e a sua rápida especialização em função da busca por resultados expressivos muito precocemente, sob o pretexto de que estes são importantes indicadores para a detecção de talentos para o esporte (DREWE, 1998; CAPRANICA; MILLARD-STAFFORD, 2011; GEIDNE; QUENNERSTEDT; ERIKSSON, 2013).

Por negar os potenciais positivos da prática esportiva, este tipo de abordagem competitiva acaba impelindo ao jovem que se afaste do esporte, seja pela a exclusão daqueles considerados menos aptos ou pelo esgotamento devido ao desgaste promovido por este ambiente

Scanned by CamScanner

(FRASER-THOMAS; CÔTÉ, 2006; CHOI; JOHNSON; KIM, 2014; CÔTÉ; HANCOCK, 2016).

O abandono da prática esportiva também ocorre quando os atletas que obtém resultados expressivos ainda muito jovens, geralmente por influência do status de maturação precoce em relação à média de seus companheiros e adversários, notam que suas conquistas passam ser menos frequentes, especialmente no fim do período de especialização esportiva, momento em que o viés da maturação já não atua de forma decisiva (CAFRUNI; MARQUES; GAYA, 2006).

Estes pontos mostram que o processo de detecção, seleção e desenvolvimento do talento esportivo não se associa necessariamente à precocidade dos resultados conquistados em ambientes competitivos formais, os quais podem estar envisados pelo status de maturação dos jovens atletas.

Como tentativa de minimizar os efeitos destas variáveis é comum serem observadas estratégias de equalização competitiva por meio da divisão das categorias competitivas a partir da idade cronológica e de maneira dominante, agrupam-se na mesma categoria atletas nascidos num intervalo de até 24 meses de idade. Esta conduta tem sido questionada por não considerar as influências dos diferentes ritmos de maturação biológica comuns nos jovens (MIRWALD et al., 2002; SHERAR et al., 2007).

Ao se considerar uma competição em que crianças de 11 e 12 anos dividem a mesma categoria competitiva e cuja temporada se inicie no mês de março, por exemplo, é possível que uma criança que já tenha 12 anos completos no mês de janeiro enfrente ou jogue na mesma equipe

Scanned by CamScanner

que outra criança que completará 11 anos apenas em dezembro. Apesar de fazerem parte da mesma categoria competitiva, a diferença de idade entre as crianças será de pelo menos 23 meses.

Alguns estudos que têm se debruçado sobre o estudo do Efeito da Idade Relativa e apresentam resultados que demonstram que mesmo para atletas com diferenças etárias de até 12 meses o fato de alguns nascerem nos primeiros meses do ano pode trazer significativas diferenças em torno da percepção de rendimento quando comparados aos atletas nascidos nos últimos meses do ano.

Acerca deste tema, Sherar et al. (2007) observaram que maiores oportunidades eram oferecidas aos jovens nascidos nos primeiros meses do ano durante uma seletiva de hóquei. Mann e Van Ginneken (2016) constataram que observadores experientes julgavam como mais aptas para a prática do futebol crianças de 11 anos que eram nascidas nos primeiros meses do ano se comparadas aos nascidos em meses finais.

Não é apenas a questão cronológica e a maturação biológica que podem impactar no desenvolvimento de competências para o esporte. Segundo Wiersma (2005) e Burton, Gillham e Hammermeister (2011) além destes aspectos, o tempo de experiência na prática esportiva também é outro fator que pode interferir na percepção das capacidades demonstradas na prática esportiva durante a juventude.

Imagine agora que num campeonato para crianças de 11 e 12 anos, duas equipes estejam se enfrentado. As crianças da equipe A, cuja média de idade é de 11 anos, já jogam há 3 anos, competindo regulamente desde então. Do outro lado, a equipe B, com atletas de idade média de 11 anos e 11 meses, portanto, mais velhos em termos

Scanned by CamScanner

cronológicos se comparadas às crianças da equipe A, foi formada no início desta temporada e as crianças que nunca haviam competido antes. Apesar de mais jovem, é possível que a equipe A apresente vantagem devido à maior experiência competitiva anterior.

Estes apontamentos mostram o quão difícil é lidar com o esporte e a competição durante a juventude em termos de equalização das oportunidades de prática, por ser um período de constantes mudanças de desenvolvimento e de aprendizagem que transformam a organização de cenários competitivos mais adequados em uma tarefa muito complexa (WIERSMA, 2005; BURTON; GILLHAM; HAMMERMEISTER, 2011).

Como maneiras de contornar esta dificuldade, Wiersma (2005) apresenta o Sistema de Classificação para Programas Esportivos de Jovens como uma possibilidade para lidar com estas variáveis. O modelo proposto parte da categorização de competições em quatro diferentes níveis que podem coexistir para atletas de mesma idade cronológica.

Estes níveis são divididos em função da abrangência da competição, o formato proposto, os custos envolvidos, o grau de seleção dos atletas e o tempo de dedicação sugerido para competir. Estas informações estão sintetizadas a seguir:

- **Nível 1:** O primeiro nível competitivo se caracteriza pela ausência da competição formal, com ausência de viagens, tabelas e classificações. Serão aplicadas modificações aos equipamentos e às instalações em função de baixos níveis de habilidade momentânea. Nestas competições, as crianças

Scanned by CamScanner

deverão jogar tempos iguais de cada partida, sendo o principal objetivo desenvolver excitação para o esporte.

- **Nível 2:** O segundo nível competitivo ainda há baixos níveis de competitividade, porém, com formato já organizado em sistema de ligas, com placares, tabelas e resultados. A ênfase, entretanto, deve ser mantida no desenvolvimento de competências para o esporte. O evento acontecerá em um local centralizado e a participação buscará a garantida de paridade competitiva entre as equipes.
- **Nível 3:** O terceiro nível competitivo é marcado pela ênfase nos atletas de maiores habilidades e para a temporada competitiva, que poderá ser um pouco mais extensa, espera-se maior comprometimento. Serão mais comuns viagens e a seleção de atletas para participação dos jogos.
- **Nível 4:** O quarto nível competitivo é marcado pelo compromisso em competições anuais, cujos custos serão maiores. Nesta etapa, propõe-se a restrição à participação em outros esportes e atividades extracurriculares, buscando ao longo dos anos a conquista de realizações no esporte. Aumenta-se a intensidade e exigência nos treinamentos e espera-se grande experiência anterior com a prática esportiva.

A proposta de Wiersma (2005) busca exemplificar estratégias para a oferta de ambientes competitivos modificados, tema que tem sido discutido por vários estudos que apresentam informações relacionadas à tentativa de destacar os potenciais positivos da prática competitiva na infância e juventude (BROWNE; CARLSON; HASTIE, 2004; PINÃR

Scanned by CamScanner

et al., 2009; BURTON; GILLHAM; HAMMERMEISTER, 2011; BURTON et al., 2011; LEONARDO; KRAHENBÜHL, 2013; MONTAGNER; SCAGLIA, 2013; THOMAS; WILSON, 2015; MCCALPIN; EVANS; CÔTÉ, 2016; MCCARTHY; BERGHOLZ; BARTLETT, 2016).

Embora Burton, Gillham e Hammermeister (2011) apontem em sua investigação que por meio de mudanças como estas até mesmo treinadores resistentes serão obrigados a se adaptarem e promoverem um cenário competitivo mais ajustado aos interesses e necessidades do jovem, a percepção de Siegenthaler e Gonzalez (1997) demonstra o contrário, ao ressaltar que influenciados pelo conceito de vitória a todo custo, treinadores podem transgredir as modificações propostas nas competições destinadas aos jovens, transpondo valores negativos para um cenário desenvolvido e modificado para fins pedagógicos.

Estes mesmos treinadores podem julgar cenários modificados como menos relevantes, sem levar em consideração que são ambientes que podem ser muito importantes para o jovem menos experiente, tardio em seu desenvolvimento ou cujo interesse pela prática competitiva seja diferenciado daquele tradicionalmente promovido.

O processo de educação do treinador por diferentes vias pode ser uma estratégia importante para que o potencial presente na proposta de nivelação das competições possa ter um real efeito aplicado no sentido do desenvolvimento de um clima motivacional adequado (GILBERT; TRUDEL, 2002; CUSHION; ARMOUR; JONES, 2003).

É por meio da íntima relação entre as funções do treinador e as mudanças possíveis ao cenário competitivo que se pode desenvolver um

Scanned by CamScanner

novo conceito de competição, extrapolando sua compreensão enquanto uma finalidade, conforme a visão tradicional, e elevando o ato de competir a um conteúdo de formação esportiva, de modo a transformar a competição em mais um importante referencial da aprendizagem, assim como referenciais técnico-táticos, socioeducativos e histórico-culturais (MACHADO; GALATTI; PAES, 2014).

Para isso, o professor deve assumir o seu papel como pedagogo do esporte, por meio da organização, sistematização, aplicação e avaliação dos procedimentos pedagógicos desenvolvidos durante o processo de ensino, vivência e aprendizagem do esporte (GALATTI et al., 2014) e, sob este ponto de vista, é função do treinador a transposição destas atribuições também para o cenário competitivo, não se limitando apenas ao ambiente do treino.

A dimensão da vivência, por incluir a competição, está diretamente associada à aprendizagem do jovem e é função do treinador estabelecer critérios que possam promover um modelo de participação competitiva adequada às diferentes possibilidades e demandas do jovem.

Modelo de Participação Competitiva: disposições preliminares

Para que seja definido um modelo adequado de participação competitiva, torna-se necessário que a competição de jovens se transforme, deixando de ser uma regalia destinada a poucos que se

Scanned by CamScanner

destacam por meio de seu rendimento esportivo, pois isso apenas fortalece maiores oportunidades de aprendizagem a este seleto grupo de jovens atletas, reforçando ainda mais as diferenças de aprendizado se comparadas aos atletas percebidos como menos aptos, que por participarem menos da competição também aprendem menos.

Modificações competitivas podem ajudar na diminuição da evasão e no aumento de interesse deste grupo de jovens em manterem-se praticando esportes se estes ajustes buscarem maior equalização das oportunidades de competir, oferecendo maior oportunidade de aprendizado por meio da competição.

Em longo prazo isso poderá levar à diminuição das diferenças de rendimento esportivo tão logo os efeitos da maturação, da idade relativa e do tempo de experiência na prática esportiva deixarem de ser um viés de rendimento.

Esta perspectiva proporciona um novo problema ao pedagogo do esporte inserido em programas esportivos organizados para jovens: todos, de alguma forma, precisam ter acesso à competição para que não haja direcionamento de maiores oportunidades de aprendizagem esportiva apenas àqueles que momentaneamente são percebidos como mais aptos e preparados para competir.

Além da oferta de diferentes níveis competitivos, conforme proposto por Wiersma (2005), as temporadas competitivas de jovens devem ser ajustadas, sobretudo nos anos de experimentação (6 aos 12 anos) com possibilidade de manutenção destas mudanças também nos anos de especialização (13 aos 15 anos), seguindo as recomendações de Côté e Hancock (2016) que propõem temporadas mais curtas, de no

Scanned by CamScanner

máximo seis meses, de maneira a permitir que o nível momentâneo de rendimento seja respeitado.

A partir desta visão, ao se iniciar uma nova temporada competitiva, que também será curta, possibilita-se a reclassificação do atleta para uma competição ajustada ao seu novo nível de rendimento, uma vez que jovens que transitam dos anos de experimentação para os anos de especialização podem em pouco tempo aprender conteúdos novos e se desenvolverem fisicamente de modo a alcançar colegas precoces em relação à maturidade biológica e, por consequência, apresentarem novos níveis de rendimento competitivo num curto período de tempo.

As temporadas competitivas poderão ser ampliadas com o passar dos anos de experimentação e encaminhamento para os anos de investimento que cessam por volta dos 17-18 anos de idade (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007; CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007).

O quadro 1 descreve de forma esquemática uma proposta preliminar para a organização de um Modelo de Participação Esportiva sustentado por relações estabelecidas entre o Modelo Desenvolvimental de Participação Esportiva de Côté, Baker e Fraser-Thomas (2007) e Côté e Fraser-Thomas (2007) e o Sistema de Classificação para Programas Esportivos de Jovens, baseado nos quatro níveis competitivos propostos por Wiersma (2005).

Todo processo deve partir de propostas competitivas semelhantes aos níveis um e dois nos anos de experimentação (6 a 12 anos de idade). Quanto mais próximo dos anos de investimento esportivo estiverem os

Scanned by CamScanner

atletas (15 a 17-18 anos de idade), gradativamente maior será a participação de competições dos níveis três e quatro.

Isso não inviabiliza àqueles que forem inclusos nos anos de participação, ambiente cuja prática esportiva deve ser orientada para o desenvolvimento de uma vida ativa e saudável por meio do esporte enquanto jogo, que possam a competir em formatos baseados nos níveis um, dois ou, até mesmo três.

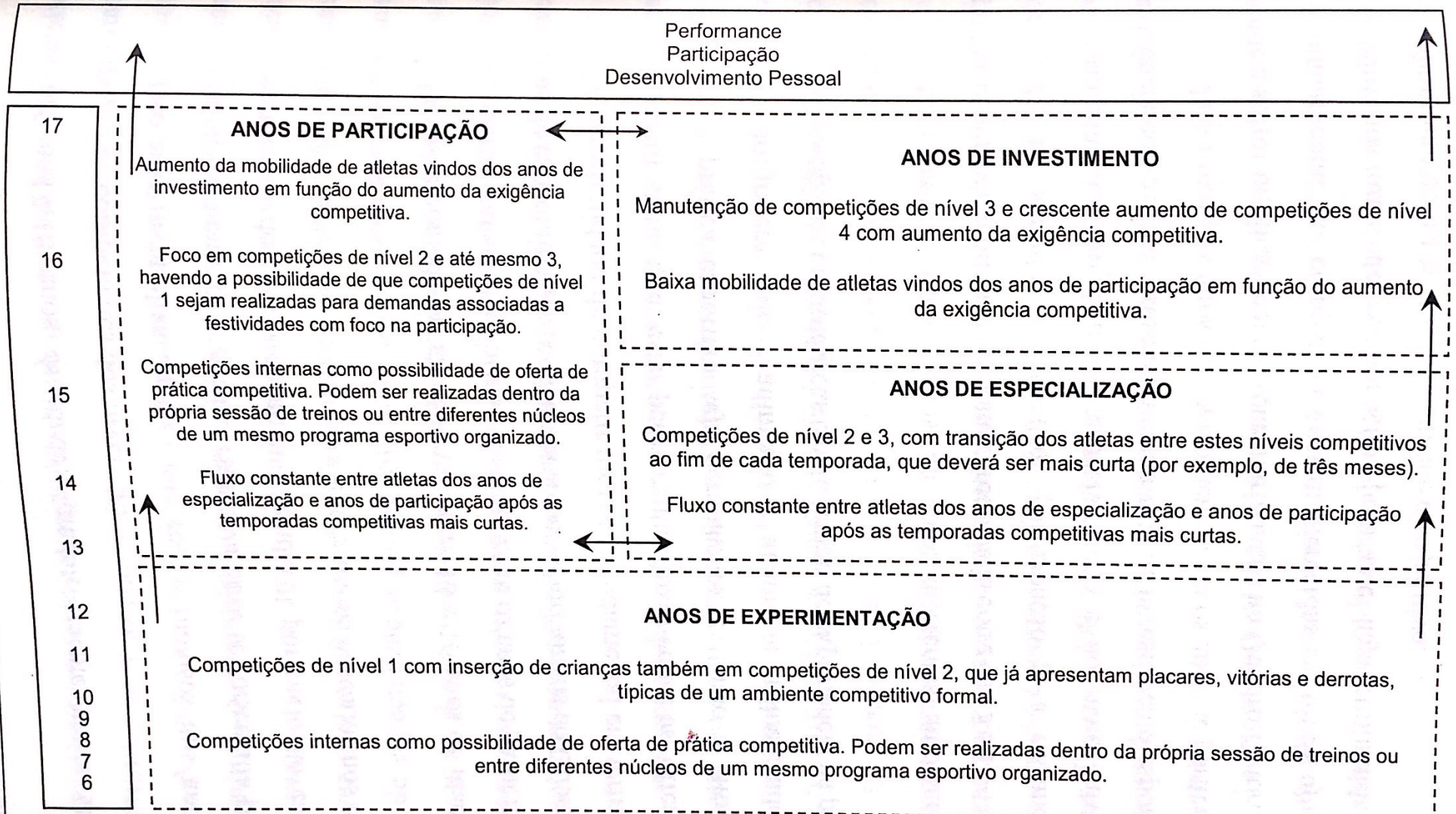
Deve-se considerar também que entre 13 e 15 anos de idade, os jovens poderão transitar de forma constante entre os anos de participação e os anos de especialização, e vice-versa (setas horizontais do Quadro 1).

A oportunidade de competir torna-se fundamental em termos de aprendizagem para que este permanente fluxo entre os diferentes cenários de prática esportiva seja permanente, evitando a elitização esportiva do jovem cujo rendimento é altamente influenciado por questões biológicas, cronológicas e pelo tempo de experiência na prática esportiva.

Este movimento de transição entre diferentes ambientes de prática esportiva, tenderá a ter menor frequência entre os 15 e 17-18 anos de idade, no sentido dos anos de participação para os anos de investimento, devido à maior especialização e ao maior nível de exigência competitiva presente no ambiente de investimento esportivo.

Já o fluxo dos anos de investimento para os anos de participação tende a sofrer um incremento (setas horizontais no Quadro 1), tornando-se fundamental que competições sejam oferecidas em níveis ajustados também nos anos de participação, para que haja continuidade no envolvimento com a prática esportiva e competitiva.

Scanned by CamScanner



Quadro 1. Proposta preliminar de um Modelo de Participação Competitiva, baseada em Côté, Baker e Fraser-Thomas (2007), Côté e Fraser-Thomas (2007) e Wiersma (2005).

Scanned by CamScanner

Cinco disposições fundamentais para o treinador de jovens a partir do modelo de participação competitiva

Serão apresentadas agora cinco disposições fundamentais para que treinador de jovens possa promover transformações no cenário competitivo sem descaracterizar a competição e transformando-a num conteúdo integrante do processo de formação esportiva do jovem.

1. Treinadores mais autônomos na organização de competições

Conforme apresentado neste estudo, em muitas das competições promovidas por diferentes entidades o que se observa é a oferta de um único nível competitivo, quase sempre organizado de forma semelhante ao nível quatro (WIERSMA, 2005), cujo formato é muito parecido com modelos de competição de adultos, reforçando comportamentos e costumes deste cenário competitivo no ambiente esportivo de jovens.

Cabe aos treinadores, atuando como pedagogos do esporte, a elaboração de competições com diferentes adequações e direcionamentos que busquem a proposição de níveis competitivos desejados, de maneira a promover a oportunidade de o jovem competir para atingir suas metas de aprendizagem, conforme a proposta de liga pedagógica de esportes citada por Montagner e Scaglia (2013).

O exercício de autonomia frente às entidades que organizam competições mais tradicionais deve ser uma saída dos treinadores que buscam mudanças mais profundas no ambiente competitivo, pois atitudes como estas poderão oferecer a oportunidade de serem elaboradas

Scanned by CamScanner

competições mais ajustadas às metas de aprendizagem suas equipes e atletas.

Atitudes como estas podem fomentar às entidades organizadoras de competições de jovens exemplos de boas práticas que abrem a possibilidade de sua implementação também em cenários competitivos mais tradicionais.

2. Temporadas mais curtas e opção por festivais

Torna-se importante, ao trabalhar com jovens que transitam dos anos de experimentação para os anos de especialização, compreender que num curto período de tempo grandes transformações acontecem.

Competições longas com temporadas que duram, por exemplo, 10 meses, perdem o sentido por não levarem em consideração o nível de evolução dos jovens atletas ao longo deste período. Temporadas com no máximo seis meses, conforme apontam Côtê e Hancock (2016) podem se tornar mais interssantes, por valorizarem o momento em que o atleta se encontra em seu desenvolvimento esportivo.

Outra maneira seria a organzição de múltiplos festivais de um dia que permitam ao longo do ano a comparação dos resultados de cada equipe em confrontação com as mesmas equipes em períodos diferentes do ano, possibilitando que as modificações individuais e da equipe em termos de aprendizagem sejam melhor percebidas.

Na contramão destas propostas, o que se observa hegemonicamente é a organização de competições longas, com resultados agregados ao longo de toda a temporada. Muitas equipes,

Scanned by CamScanner

mesmo que evoluam ao longo da competição, não conseguem avaliar sua melhora de maneira objetiva.

Em alguns casos, por terem tido resultados ruins no início da temporada, equipes que apresentam melhora do rendimento no fim da temporada, devido aos fatores de aprendizagem, à maior experiência competitiva e ao incremento maturacional de seus atletas, acabam não conseguindo mais se classificar para play-offs da competição, tornando mais curto seu ano competitivo e a chance de aprendizagem por meio da competição.

Neste sentido, pode se tornar muito mais valoroso para uma equipe enfrentar várias vezes as mesmas equipes ao longo de um ano e ter a possibilidade de comparar seus resultados e a evolução do grupo de maneira geral, do que enfrentar estas equipes apenas uma vez durante a temporada e não mais ser possível confrontá-las ao longo da competição.

Cabe aos treinadores promoverem novos espaços competitivos baseados em temporadas curtas ou festivais, para que, com os resultados obtidos, seja possível apresentar evidências que justifiquem a implementação destas mudanças em competições organizadas por entidades mais conservadoras.

3. Competir em diferentes níveis durante um único confronto

Como criar a possibilidade de que diferentes níveis competitivos possam ser atingidos, uma vez que já se torna muito difícil encontrar datas para a organização dos confrontos de uma única competição?

Scanned by CamScanner

Por meio do exercício de autonomia na organização de suas próprias competições, treinadores podem modificar o formato do confronto, promovendo numa mesma partida disputas orientadas para diferentes níveis competitivos sem que haja a necessidade de se organizar outras competições que levam à ampliação da quantidade de datas para estes confrontos.

Para isso, num mesmo confronto, pode-se aumentar os períodos de jogo de dois para três, sendo que em cada um destes períodos a competição poderá se focar na participação de jogadores com níveis específicos de rendimento esportivo momentâneo.

Como exemplo, o primeiro período de jogo pode ser destinadio aos atletas que transitam entre os níveis quatro e três o segundo tempo pode ser destinado aos atletas orientados ao nível dois e o terceiro tempo pode ser orientado aos atletas que particpariam de competições de nível um.

Com mudanças como estas, num mesmo encontro entre duas equipes, os treinadores poderão, independente da idade de seus atletas, oferecer a eles níveis de exigência mais ajustados e cada período da partida poderá representar competições independentes entre si.

Assim, atletas de diferentes níveis poderão competir sem que haja a necessidade de serem elaboradas competições específicas e sem preencher demasiadamente o calendário de jogos. Assim, promove-se maior equidade competitiva, que é apontada neste estudo como um problema a ser resolvido em se tratando das demandas do esporte de jovens.

Scanned by CamScanner

Associada às temporadas mais curtas ou festivais, estas estratégias podem abrir a possibilidade de que num mesmo ano, um atleta transite a cada nova temporada ou festival entre níveis competitivos diferentes de acordo com sua evolução pessoal e da equipe.

Apesar deste tipo de conduta não ser comum por parte das entidades promotoras de competições de jovens, cabe aos treinadores apresentarem a estes órgãos importância do ajuste do nível competitivo para a finalidade de ampliação do número de praticantes do esporte que esta entidade representa.

Novamente, boas práticas promovidas em competições organizadas pelos próprios treinadores poderão sensibilizar organizadores de competições de jovens com olhar mais conservador em relação a mudanças desta natureza.

4. Promover competições internas

Outra possibilidade para ampliação das opções competitivas no sentido torná-las parte do processo de formação é elaborar competições internas com regras adaptadas de acordo com o interesse do treinador em função dos objetivos de aprendizagem de seus atletas e dos níveis em que eles atuam.

Um exemplo é a proposta de Leonardo e Krahenbühl (2013) que sugerem a organização de diferentes festivais de handebol, cada um com um diferente tema de aprendizagem, tais como festivais de jogos de apelo popular, festival de jogos adaptados, festival de jogos de goleiros e festival de minijogo, coadunando cada festiva com uma etapa do planejamento do treinador.

Scanned by CamScanner

Por se tratar de um ambiente competitivo mais controlado aos interesses do treinador, este se torna propício para se ampliar o volume de competições daqueles atletas que possuem perfil orientado para os anos de participação ou mesmo para atletas que, por motivos variados, jogam menos em competições oficiais.

Este cenário competitivo deve incluir também a participação dos atletas mais experientes que podem assumir outras responsabilidades dentro dos jogos, tais como atuar fora da posição de maior rendimento, atuar exclusivamente em funções de articulação do jogo (armadores ou levantadores), ou mesmo atuar com restrição em seu poder de decisão, oferecendo a estes a oportunidade de contribuir com sua maior experiência competitiva junto aos demais atletas nos processos de aprendizagem.

Estas possibilidades também se ampliam para as relações entre atletas de categorias mais velhas e atletas de categorias mais jovens, como acontece em ambientes não-formais de aprendizagem, como por exemplo, os jogos e brincadeiras de rua.

Além disso, as competições internas oferecem aos atletas mais velhos que atuem em diferentes funções, tais como árbitros, treinadores e organizadores do evento, devido ao seu caráter menos burocrático.

5. Diminuir burocracias para ampliar o acesso

Buscar ambientes menos burocratizados para se competir também deve ser um objetivo dos treinadores, pois associar importância do cenário competitivo em função de sua maior burocratização pode ser um engano.

Scanned by CamScanner

Ambientes excessivamente burocratizados tendem a elitizar a oportunidade de prática competitiva e não atuam no sentido de compreender que competir também é um conteúdo de aprendizagem. Elitizar a possibilidade de prática é na realidade uma maneira de direcionar aos projetos esportivos mais abastados maiores oportunidades competitivas.

Ao contrário disso, entre o período de experimentação e de especialização as competições podem se estruturar de maneira a ter menos exigências em relação à oportunidade de inscreverem-se equipes e, novamente, isso pode partir da organização de competições realizadas pelos próprios treinadores.

Abolir a confecção de carterinhas, reduzir a quantidade de árbitros e oferecer a possibilidade de que atletas mais velhos que já estejam nos anos de investimento atuem como árbitros, mesários e cronometristas, por exemplo, pode garantir redução de custos e a ampliação da participação de mais projetos esportivos.

O papel ético do treinador

Todas estas iniciativas apresentadas neste estudo dependerão fundamentalmente do papel assumido pelo treinador de jovens, pois conforme exposto neste trabalho, não basta que sejam promovidas modificações para que transformações positivas ocorram no cenário competitivo de jovens.

Dentro de uma perspectiva bioecológica (BRONFENBRENNER, 2011), serão estabelecidas entre as condutas

Scanned by CamScanner

dos treinadores e as mudanças promovidas no cenário competitivo de jovens uma série de relações caracterizadas como Processos Proximais, que apesar de apresentarem grande potencial positivo, podem reforçar condutas negativas já tão comuns nestes cenários caso os treinadores, responsáveis por reinvidicar e propor tais mudanças, não atuem de forma ética com suas proposições, afinal, mais do que novas ideias apresentadas ao cenário competitivo de jovens, torna-se necessário que as condutas estejam alinhadas aos ideais desta mudança.

Conclusão

Espera-se, com este estudo, apresentar disposições preliminares que possam contribuir para a construção de um Modelo de Participação Competitiva tendo como estrutura conceitual o Modelo Desenvolvimental de Participação Esportiva e o Sistema de Classificação para Programas Esportivos de Jovens.

Este modelo se baseia na oferta de diferentes níveis competitivos em função dos interesses e percepções de rendimento de crianças e jovens, os quais, podem ser enviesadas pelos diferentes ritmos de maturação biológica, os efeitos da idade relativa e experiência na prática esportiva e competitiva.

No entanto, reforça-se a importância da atuação do treinador, que ao reinvidicar e propor tais mudanças, deve atuar de forma ética e em conssonância às suas proposições em prol de um cenário competitivo de jovens mais ajustado e equalizado.

Scanned by CamScanner

REFERÊNCIAS

BAKER, J. Early specialization in youth sport: A requirement for adult expertise? **High Ability Studies,** v. 14, n. 1, p. 85-94, 2003. ISSN 1359-8139.

BAKER, J.; COBLEY, S.; FRASER
about early sport specialization? Not much! **High Ability Studies,** v. 20, n. 1, p. 77-89, 2009. ISSN 1359-8139.

BALBINO, H. F. et al. Pedagogia do esporte: significações da iniciação esportiva e da competição. REVERDITO, Riller Silva; SCAGLIA, Alcides José; MONTAGNER, Paulo César (Orgs.). **Pedagogia do esporte: aspectos conceituais da competição e estudos aplicados.** São Paulo: Phorte, p. 41-68, 2013.

BRONFENBRENNER, U. Bioecologia do desenvolvimento humano: tornando os seres humanos mais humanos. **Porto Alegre: Artmed,** v. 37, 2011.

BROWNE, T. B.; CARLSON, T. B.; HASTIE, P. A. A comparison of rugby seasons presented in traditional and sport education formats. **European Physical Education Review,** v. 10, n. 2, p. 199-214, 2004. ISSN 1356-336X.

BURTON, D.; GILLHAM, A. D.; HAMMERMEISTER, J. Competitive engineering: Structural climate modifications to enhance youth athletes' competitive experience. **International Journal of Sports Science & Coaching,** v. 6, n. 2, p. 201-217, 2011a. ISSN 1747-9541.

BURTON, D. et al. More Cheers and Fewer Tears: Examining the Impact of Competitive Engineering on Scoring and Attrition in Youth Flag Football. **International journal of Sports Science & Coaching,** v. 6, n. 2, p. 219-228, June 1, 2011.

Scanned by CamScanner

CAFRUNI, C.; MARQUES, A.; GAYA, A. Análise da carreira desportiva de atletas das regiões sul e sudeste do Brasil: Estudo dos resultados desportivos nas etapas de formação. **Revista Portuguesa de Cciências do Desporto,** v. 6, n. 1, p. 55-64, 2006. ISSN 1645-0523.

CAPRANICA, L.; MILLARD-STAFFORD, M. L. Youth sport specialization: how to manage competition and training? **International Journal of Sports Physiology and Performance,** v. 6, n. 4, p. 572-579, 2011. ISSN 1555-0265.

CHOI, H. S.; JOHNSON, B.; KIM, Y. K. Children's development through sports competition: Derivative, adjustive, generative, and maladaptive approaches. **Quest,** v. 66, n. 2, p. 191-202, 2014. ISSN 0033-6297.

CRANE, J.; TEMPLE, V. A systematic review of dropout from organized sport among children and youth. **European physical education review,** v. 21, n. 1, p. 114-131, 2015. ISSN 1356-336X.

CUSHION, C. J.; ARMOUR, K. M.; JONES, R. L. Coach education and continuing professional development: Experience and learning to coach. **Quest,** v. 55, n. 3, p. 215-230, 2003. ISSN 0033-6297.

CÔTÉ, J.; BAKER, J.; ABERNETHY, B. Practice and play in the development of sport expertise. **Handbook of sport psychology,** v. 3, p. 184-202, 2007.

CÔTÉ, J.; FRASER-THOMAS, J. Youth involvement in sport. **Sport Psychology: A Canadian perspective**, p. 270-298, 2007.

CÔTÉ, J.; HANCOCK, D. J. Evidence-based policies for youth sport programmes. **International Journal of Sport Policy and Politics,** v. 8, n. 1, p. 51-65, 2016. ISSN 1940-6940.

Scanned by CamScanner

CÔTÉ, J.; HAY, J. Children's involvement in sport: A developmental perspective. 2002. ISSN 0205331440.

CÔTÉ, J.; LIDOR, R.; HACKFORT, D. ISSP position stand: To sample or to specialize? Seven postulates about youth sport activities that lead to continued participation and elite performance. **International Journal of Sport and Exercise Psychology,** v. 7, n. 1, p. 7-17, 2009. ISSN 1612-197X.

DREWE, S. B. Competing conceptions of competition: Implications for physical education. **European physical education review,** v. 4, n. 1, p. 5-20, 1998. ISSN 1356-336X.

FRASER-THOMAS, J.; CÔTÉ, J. Youth sports: Implementing findings and moving forward with research. **Athletic Insight,** v. 8, n. 3, p. 12-27, 2006. ISSN 1536-0431.

FRASER-THOMAS, J.; CÔTÉ, J. Understanding adolescents' positive and negative developmental experiences in sport. **The sport psychologist,** v. 23, n. 1, p. 3-23, 2009. ISSN 0888-4781.

GALATTI, L. R. et al. Pedagogia do esporte: tensão na ciência e o ensino dos jogos esportivos coletivos. **Journal of Physical Education,** v. 25, n. 1, p. 153-162, 2014. ISSN 2448-2455.

GEIDNE, S.; QUENNERSTEDT, M.; ERIKSSON, C. The youth sports club as a health-promoting setting: An integrative review of research. **Scandinavian Journal of Public Health,** v. 41, n. 3, p. 269-283, 2013. ISSN 1403-4948.

GILBERT, W. D.; TRUDEL, P. Learning to coach through experience: Reflection in model youth sport coaches. **Journal of teaching in physical education,** v. 21, n. 1, p. 16-34, 2002. ISSN 0273-5024.

Scanned by CamScanner

GONÇALVES, C. E.; CARVALHO, H.; LIGHT, R. Keeping women in sport: positive experiences of six women's experiences growing up and staying with sport in Portugal. **Asian Journal of Exercise & Sports Science,** v. 8, n. 1, p. 39-52, 2011. ISSN 1975-2938.

LEONARDO, L.; KRAHENBÜHL, T. Competições pedagógicas: cooperação e competição no handebol. REVERDITO, Riller Silva; SCAGLIA, Alcides José; MONTAGNER, Paulo César (Orgs.). **Pedagogia do esporte: aspectos conceituais da competição e estudos aplicados.** São Paulo: Phorte, p. 343-372, 2013.

MACHADO, G. V.; GALATTI, L. R.; PAES, R. R. Pedagogia do Esporte e o Referencial Histórico-cultural: interlocução entre teoria e prática. **Pensar a Prática,** v. 17, n. 2, 2014. ISSN 1980-6183.

MANN, D. L.; VAN GINNEKEN, P. J. Age-ordered shirt numbering reduces the selection bias associated with the relative age effect. **Journal of sports sciences**, p. 1-7, 2016. ISSN 0264-0414.

MCCALPIN, M.; EVANS, B.; CÔTÉ, J. Young Female Soccer Players' Perceptions of their Modified Sport Environment. **The Sport Psychologist**, p. 1-36, 2016. ISSN 0888-4781.

MCCARTHY, J.; BERGHOLZ, L.; BARTLETT, M. **Re-designing Youth Sport: Change the Game**. Psychology Press, 2016. ISBN 1317273907.

MIRWALD, R. L. et al. An assessment of maturity from anthropometric measurements. **Medicine and science in sports and exercise,** v. 34, n. 4, p. 689-694, 2002. ISSN 0195-9131.

MONTAGNER, P. C.; SCAGLIA, A. J. Pedagogia do esporte: teoria e proposta de sistematização nas escolas de esportes. REVERDITO, Riller Silva; SCAGLIA, Alcides José; MONTAGNER, Paulo César (Orgs.).

Scanned by CamScanner

Pedagogia do esporte: aspectos conceituais da competição e estudos aplicados. São Paulo: Phorte, p. 193-216, 2013.

PIÑAR, M. I. et al. Participation of minibasketball players during small-sided competitions. **Revista de Psicología del Deporte,** v. 18, n. 3, p. 445-449, 2009. ISSN 1132-239X.

SHERAR, L. B. et al. Do physical maturity and birth date predict talent in male youth ice hockey players? **Journal of Sports Sciences,** v. 25, n. 8, p. 879-886, 2007. ISSN 0264-0414.

SIEGENTHALER, K.; GONZALEZ, G. L. Youth sports as serious leisure a critique. **Journal of Sport & Social Issues,** v. 21, n. 3, p. 298-314, 1997. ISSN 0193-7235.

THOMAS, G. L.; WILSON, M. R. Playing by the rules: A developmentally appropriate introduction to rugby union. **International Journal of Sports Science & Coaching,** v. 10, n. 2-3, p. 413-423, 2015. ISSN 1747-9541.

WIERSMA, L. D. Reformation or reclassification? A proposal of a rating system for youth sport programs. **Quest,** v. 57, n. 4, p. 376-391, 2005. ISSN 0033-6297.

Scanned by CamScanner